

5º Concurso FNLIJ Leia Comigo! 2006

Relato Real:

A VERDADEIRA ARTE DE SER FELIZ

Autora: Cristiane Pereira Guimarães

Lagoa de Itaenga - PE

Aprendi a ler aos oito anos de idade. Eu era uma criança da Zona Rural. Como amava minha infância! Infância, talvez parecida com a infância do José Lins do Rego, do Graciliano Ramos... Brincava demais. Subia nas árvores e corria atrás dos animais. Ouvia as histórias folclóricas que os adultos contavam. Sentia muito medo da Comadre Florzinha, do Velho do Saco, da Laúça e da Velha da Várzea. A Velha da Várzea, na verdade, era um balão multicolorido que caíra na fazenda do meu avô em plena festa junina. No momento que ele caiu, choveu, por isso não houve incêndio. Ao avistá-lo, ao longe, os adultos disseram que era uma velha muito má que estava dormindo. E ela era sequestradora de crianças. Diziam isto para que evitássemos passeios pela várzea. Lá tinha um pequeno açude, no qual algumas crianças haviam morrido afogadas. Cantavam músicas sobre o Boi da Cara Preta. Eu sentia medo...

Caminhava pela fazenda acompanhada pelo meu cachorro Veludo. Durante nove anos, Veludo foi o meu melhor amigo... íamos visitar meus amigos. Cresci. Ninguém tinha paciência com leitura dos livros de literatura infantil. Alguns diziam que a visão estava doendo. Quando não eram os olhos era a cabeça.

_ Minha "vista" está ardendo!

_ Minha cabeça está explodindo!

Como eu sempre fui (e sou) amante da literatura, lia as histórias para meus amigos. Nos reuníamos debaixo do cajueiro roxo e ficávamos lendo durante grande parte da tarde. Minha irmã, que incentivou minha entrada no mundo da leitura, ajudava-nos escolhendo os títulos para leitura e interpretação e também lia pequenos trechos dos textos.

As histórias de humor e suspense eram as preferidas dos meus amigos. Ríamos. Ríamos às gargalhadas. O suspense despertava a curiosidade. Quando eu dava pequenos intervalos ou deixava para a tarde do dia seguinte, meus amigos e ouvintes perguntavam sobre o final da história, o destino de cada personagem...

Alguns amigos ajudavam lendo pequenos trechos do livro. Líamos alguns títulos disponíveis na pequena biblioteca do grupo escolar da comunidade.

De repente, surgiu a Ciranda de Livros no. 3. Que alegria! Quinze títulos para a nossa biblioteca!

O primeiro livro que lemos (e brigamos, porque todos queriam ler primeiro) foi *A Bruxinha Atrapalhada*, da Eva Furnari. O livro *Uma vez um homem, uma vez um gato*, de Irene de Albuquerque, foi lido logo em seguida. Os livros de imagens, pra mim, eram "livros de confusão". Muitas vezes eu pedia os livros emprestados para ler em casa, sozinha e com calma. Era muito maravilhoso. Nos primeiros dias, títulos como estes ficaram machucados e com pequenas "orelhas de burro".

A professora reclamou:

– Tenham paciência! Todos terão oportunidade para ler! Sejam educados!

Tentamos copiar as ilustrações do livro da Eva Furnari. Fizemos muitos comentários sobre a personagem principal e suas estripulias. Inventamos outras histórias e outras imagens com a mesma bruxinha. Eu tinha 11 anos de idade. Pedimos à professora um Concurso de Desenhos. Caprichamos. Todos queriam vencer. Que competição!

O vencedor foi meu amigo Romildo, com vários desenhos sobre bruxas malvadas e atrapalhadas. Imitamos bastante a Eva Furnari, mas criamos outras bruxas.

A Ciranda de Livros fez o meu amor pela literatura aumentar cada vez mais. Li todos os livros sozinha e para meus amigos que não sabiam ler ou não gostavam de ler, mas foram ótimos ouvintes.

Em plena infância feliz, fazíamos nossos castelos de areia e a única sala do grupo escolar era a nossa “casinha feliz”. Sonhávamos e conversávamos sobre aviões vermelhos, viajar em trens, casamento de galinha com outros animais que não fossem de sua espécie, jabutis viajantes, diferenças físicas e sociais, a escola da época do Cazusa, o amor de Pandonar, detetives e contrabandistas, será possível a Lua substituir o Sol?

Como éramos felizes! Eu tinha em minhas mãos a verdadeira arte de ser feliz: o mundo da leitura. A Ciranda mudou as nossas vidas. Ela foi autora de muitas metamorfoses. Volta, Ciranda! Volta!

Relato Ficcional:

UM MENINO COMUM E UMA EMOÇÃO DIFERENTE

Autora: Giselle Venâncio

Belo Horizonte – MG

Ele era um menino comum. Moreno, franzino e alegre, como são tantos outros. Morava também numa casa normal. Sua casa tinha fogão, geladeira, televisão, e até um tanquinho para lavar roupas. Enfim, essas coisas usuais, que têm em quase todas as casas comuns. É verdade que na sua casa não tinha livros. Mas também livros não havia nas casas de seus amigos, nem dos conhecidos, nem mesmo dos parentes. Esses não eram objetos normais nos lares das gentes comuns.

Sua vida era bastante trivial. Acordar, ir à escola, voltar, almoçar, dormir um pouquinho, ver televisão, jogar uma bolinha no campinho perto de casa – na verdade não era um campinho, era um gramado de um centro cultural perto da sua casa, mas eles improvisavam – , ver novela e dormir. Todo dia a mesma coisa.

Naquele dia, quando chegaram para jogar bola, estava a maior confusão no gramado. Um monte de gente. Ferros, lona, placas. Ele e os amigos não entenderam nada. Na verdade, ficaram muito chateados. O que será que resolveram inventar no único espaço que eles tinham para brincar? Foram embora muito aborrecidos. Uma parte importante de suas atividades diárias não poderia ser cumprida por causa daquela gente que resolveu “inventar”.

Nos dias seguintes, sempre passava por ali e ele pôde acompanhar toda aquela bagunça ir tomando forma e se transformando num... CIRCO!

Oba! Até que enfim alguma coisa diferente para fazer! O menino foi correndo contar para os amigos. Em breve, eles teriam algo bem legal para se divertir. Ele foi logo imaginando domadores, leões, elefantes, palhaços... Será que esse circo teria também aqueles homens de motocicleta correndo como loucos naqueles globos de ferro? Ele tinha visto isso na televisão e tinha achado muito, mas muito legal mesmo.

Nos dias seguintes, o circo foi ficando cada vez mais bonito. Até que... colocaram uma placa com o seu nome: CIRCO DAS LETRAS.

Ahn??!! O que era aquilo? Circo das Letras? Nunca tinha visto um circo com esse nome. Que coisa mais maluca?! Bem, mas o menino não desanimou. Continuou sonhando com o quanto poderia se divertir nos próximos dias com aquela novidade.

Até que houve a inauguração do Circo e o menino correu para ver o que acontecia lá. Na entrada, uma ótima notícia: não precisava pagar, a entrada era gratuita. Ah! Tanto melhor. Se não fosse assim ia ser complicado porque ele ia ter que se virar para conseguir um dinheirinho.

Mas, quando ele entrou... cadê os palhaços? E os animais? E os trapezistas? Não tinha nada disso. Esse circo só tinha livros e estantes e até uma biblioteca. O menino não entendeu nada, mas como era a coisa mais diferente que aparecia na sua vida nos últimos anos (ou talvez em todos os anos...), ele resolveu ficar e aproveitar. Mexeu nos livros, sentou no chão, leu, riu, se emocionou, se divertiu... No dia seguinte, resolveu voltar e trazer os amigos. Eles entraram na biblioteca, mexeram nas estantes – é verdade que o friozinho do ar-condicionado e os pufs macios também atraíam bastante naquela cidade calorenta que eles moravam – leram e ouviram histórias. É aquele circo era bem divertido, embora fosse também muito estranho.

Um dia chegou na escola e soube da novidade. A sua turma iria visitar o Circo das Letras. Ficou animado! Contou para os amigos que ele, como morava perto, ia sempre lá. Nesse dia, ele se sentiu um pouco importante, como aquelas pessoas que sabem coisas que os outros desconhecem e não perdem a oportunidade de se exhibir.

Chegando no Circo, a professora foi com todo mundo para a biblioteca. Os monitores iam ler uma estória e todo mundo já sentou animado para escutar. A estória era **O dono da Bola**. Nossa! Que estória bacana! Parecia tanto com a vida deles. Como tinha gente assim que só porque tinha uma bola de couro achava que deveria tomar conta da pelada, decidindo quem devia ou não jogar e quando começar e terminar o jogo. Ele logo lembrou dos nomes de alguns amigos, mas nem era bom falar, não era hora de começar a puxar briga.

Naquela tarde, o menino voltou ao circo decidido a ouvir novamente aquela estória. Queria ler de novo, ver os detalhes, entender melhor. Mas, qual não foi a sua surpresa. Quando chegou na biblioteca, tinha uma outra escritora lendo estórias. Ah, que tristeza. E o dono da bola? Ele então teve uma idéia: decidiu começar a atrapalhar, conversar, gritar. Não que ele não gostasse do que a moça estava lendo, mas, pô, ele queria O dono da Bola.

Até que a moça parou, olhou pra ele... Xiiii! Pensou o menino. Lá vem bronca. Mas a moça só perguntou: o que você está querendo ler? E ele: O dono da bola, o livro que foi lido hoje pela manhã. E ela: E quem é que vai ler? E ele: Eu! É verdade que ele falou meio sem pensar. Ele que morria de medo da professora mandar que ele lesse em voz alta na sala de aula, estava ali na frente de um monte de gente – de olhar assim dava para considerar que eram

umas 50 pessoas – dizendo que ia ler um livro. Bem, mas agora não tinha volta. O jeito era ler. Ele já havia interrompido a escritora e todos os olhos da sala estavam em cima dele.

O menino levantou, foi para frente de todo mundo, pegou o livro em suas mãos e LEU. Todas as pessoas ficaram quietinhas ouvindo. Ele nem podia acreditar no que estava acontecendo. Como ele estava diferente! Corajoso, animado, nem parecia o mesmo. Foi boa aquela sensação de todo mundo olhando pra ele. Até aquela menina de quem ele dizia e mais, parecia encantada com o que ouvia.

Nossa ia ser difícil esquecer aquele dia que, naquele circo estranho, ele, um menino tão comum, viveu uma emoção tão diferente.